

NINHO CHEIO: UMA NOVA ETAPA DO CICLO VITAL FAMILIAR?



Ana Caroline Sari Vieira

Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT - Brasil

Paula Grazziotin Silveira Rava

Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT - Brasil



Resumo

O objetivo desse artigo é indicar aspectos que configuram o processo de permanência do filho adulto jovem no lar parental, especificamente no que diz respeito à relação com sua família de origem. Esse estudo foi desenvolvido a partir da revisão de alguns autores a luz da abordagem ecológico-sistêmica. A questão da saída do adulto jovem da casa dos pais, momento crucial no desenvolvimento individual e familiar, vem sofrendo alterações pois observamos que atualmente está ocorrendo, em larga escala o fenômeno inverso, ou seja, a permanência do adulto jovem por mais tempo na casa dos pais. Observamos, hoje, uma variação na fase do ninho vazio, em que os pais costumavam ficar sozinhos no lar, para o “ninho cheio”, em que a família permanece toda residindo conjuntamente.

Palavras-chave: Adulto Jovem, ciclo vital familiar, ninho cheio.

Introdução

Vivem debaixo da saia da mamãe? São uns boas-vidas? Questionamentos como esses têm sido feitos por aqueles que atentam para um fenômeno cada vez mais frequente em nossa sociedade: os filhos que, apesar de aptos para uma vida independente, optam por continuar vivendo na casa dos pais.

Vivemos numa sociedade em crise onde valores e ideologias presentes em nosso cotidiano têm sido questionados constantemente. Essas mudanças são observáveis em diversas instituições, sendo a família uma delas. A partir dessa perspectiva, pode-se constatar que o ciclo evolutivo da família brasileira vem sofrendo alterações e que essas, por sua vez, refletem as aceleradas modificações na estrutura e na configuração familiar na atualidade.

Dentre elas, podemos observar índices menores de natalidade, uma expectativa de vida mais longa, um aumento no número de divórcios e recasamentos, além da diferenciação nos

papéis de gênero. Desse modo, o ciclo vital familiar correspondente às gerações passadas necessita de novas leituras e adaptações em algumas de suas fases (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; CERVENY; BERTHOUD, 1997).

O estágio do ciclo vital familiar, denominado “lançamento dos filhos” (CARTER; MCGOLDRICK, 1995), também conhecido por “ninho vazio”, inicia-se com a saída do primeiro filho da casa dos pais e estende-se até a partida do último. Essa etapa é geralmente associada a um período de depressão e solidão, principalmente para as mães.

Entretanto, atualmente, percebe-se uma profunda transformação nessa fase, pois para muitas famílias os filhos adultos permanecem morando em casa. As mudanças no ciclo de vida familiar estão cada vez mais evidentes, pois: a casa dos pais de meia idade já não está mais ficando tão vazia como antigamente. Em outros tempos, os jovens aos 18 anos já tinham autonomia e independência em muitas áreas de suas vidas, e almejavam a liberdade, mas esse desejo só era realizado através da saída da casa parental (NASCIMENTO, 2006; OLIVEIRA, 2007). Todavia, atualmente, os filhos adultos frequentemente permanecem em casa e a convivência familiar parental está se prolongando. Sendo assim, Cervený e Berthoud, (1997) apontam que 81% das famílias paulistanas possuem pelo menos um filho adulto jovem em casa. E, ainda, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informa que atualmente mais de oito milhões de pessoas entre 25 e 40 anos moram na casa parental (OLIVEIRA, 2009).

Este fenômeno também ocorre em outros países. Veiga (1998) aponta que este comportamento também ocorre nos países da Europa, como a Espanha, onde 60% das pessoas entre 25 e 30 anos moram com os pais e apenas um em cada cinco adolescentes faz questão de morar sozinho, pois a maioria (54%) não deseja sair da casa dos pais. Corroborando esses dados, Féres-Carneiro, Henriques e Jablonski (2004) apontam que este comportamento também ocorre em países como Itália, França, Portugal e Estados Unidos.

Portanto, esses dados confirmam a importância do estudo, haja vista a gama de pessoas que se encontram nessa faixa etária, 47.939.723 milhões de brasileiros, de acordo com o Instituto Pesquisa Econômica Aplicada (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2006). Ainda pouco estudada, a fase do ninho cheio compreende o processo de permanência dos adultos jovens na residência de sua família de origem. Dessa forma, o presente artigo pretende realizar uma revisão de literatura sobre o tema, enfocando-se os seguintes aspectos conforme as sessões que virão a seguir: A delimitação da faixa etária e as diversas nomenclaturas do

fenômeno; A família ontem e hoje; A convivência familiar prolongada e o mundo do trabalho; A compreensão do fenômeno a partir do marco ecológico de Urie Bronfenbrenner; e Aspectos facilitadores e dificultadores da permanência do adulto jovem no lar parental.

A delimitação da faixa etária e as diversas nomenclaturas do fenômeno

Considera-se importante, para a compreensão da permanência dos filhos adultos na casa dos pais, o conhecimento das possíveis delimitações da faixa etária em que ocorre a transição da adolescência para a vida adulta. Observa-se aqui que os institutos nacionais e internacionais, os pesquisadores e a população, de certa forma, não utilizam as mesmas demarcações para o início e o fim da adolescência.

O presente fenômeno pode estar situado tanto na faixa do ciclo vital que compreende a adolescência, como na faixa do adulto jovem, dependendo da corrente teórica de cada pesquisador, pois não há consenso na literatura referente ao início e à duração da juventude de modo geral.

Para Erikson (1998), a adolescência compreende o período dos 12 aos 20 anos e o adulto jovem dos 20 aos 35 anos. As pesquisadoras, Infante-Espínola, Maddaleno e Morelo (2003) delimitam essas fases do ciclo vital da seguinte maneira: a adolescência é a faixa etária entre 10 e 19 anos e a juventude compreende a faixa entre 15 e 24 anos. Todavia, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), segundo a Lei nº 8.069/1990, artigo segundo, indica que adolescentes são os indivíduos entre os 12 e 18 anos (BRASIL, 2005). E, ainda, a Fundação Norte Americana MacArthur aponta na pesquisa Transição para Idade Adulta que o ciclo do adulto jovem tem fim aos 34 anos (OUTEIRAL, 2008).

Entretanto, existem outras maneiras de se delimitar este fenômeno. Oliveira (2007) e Nascimento (2006) compreendem que a adolescência não é uma fase natural do desenvolvimento humano, mas sim uma criação cultural. Sendo assim, esta etapa pode ser compreendida de diversas formas dependendo da cultura e da época em que está inserida. Sob essa perspectiva, Calligaris (2000) afirma que a adolescência é produto da cultura moderna, sendo uma invenção da sociedade e do *marketing*. Atualmente, observa-se uma tendência ao prolongamento desta fase, tornando complexo determinar uma idade para o final da adolescência (ABERASTURY; KNOBEL, 1981; ABRANTES; GUERREIRO, 2005). Sendo assim, quaisquer que sejam as delimitações, elas são arbitrárias e tentar fixar a delimitação

etária dos adolescentes em um único período é desrespeitar a heterogeneidade desses grupos (CAMARANO; KANSO; MELLO; PASINATO, 2004).

O comportamento dos adultos jovens de prolongarem a convivência familiar, atualmente, possui diversas nomenclaturas e isso pode variar de acordo com a cultura e o país pesquisado e, para demonstrar essa variedade, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as várias terminologias desse recente fenômeno. A terminologia utilizada na pesquisa relaciona-se ao antagônico ninho vazio, terminologia utilizada por Carter e McGoldrick, (1995), e denominação também utilizada pelas pesquisadoras Silveira e Wagner (2006). Ainda Féres-Carneiro, Henriques e Jablonski (2004) observam que o neologismo “adultescente” foi criado a partir das palavras inglesas “*adult*” e “*adolescent*”, unindo uma etapa evolutiva à outra que, na Itália, são chamadas de “*aging bambini*”. Nessa mesma corrente, Outeiral (2008) nomeou adultescer com o processo de tornar-se adulto. Uma última terminologia é geração-canguru. O nome faz uma correlação com o mamífero marsupial conhecido genericamente como canguru, que carrega seus filhotes no interior de uma bolsa na barriga da mãe. Esta nomenclatura é utilizada por Féres-Carneiro, Henriques e Jablonski (2004).

Assim, as diversas formas de denominações do fenômeno indicam sua crescente importância no mundo atual, e a partir dessas nomeações, optou-se por ninho cheio como nomenclatura escolhida para o artigo em questão.

A família ontem e hoje

Historicamente o conceito de família esteve associado ao aspecto de linhagem, pois ela confundia-se com a sociedade como um todo. Com o passar dos anos, ela afastou-se cada vez mais desse conceito de linhagem, de feudalismo, e começou a moldar-se no modelo burguês nuclear - pai, mãe e filhos (ARIÈS, 1986).

Ao longo dos anos, a família foi dividida em tipos e subtipos. Bach (1983) apontou diferentes tipos e subtipos de família. Para esse autor existia a família parental onde a procriação e a educação eram o eixo fundamental e essa compreendia a família patriarcal e a família doméstica. Já a família conjugal era aquela em que a moral encontrava-se nas relações entre o marido e a mulher e englobava a família nuclear.

A família está atrelada ao processo dinâmico da história e sofre modificações, pois sua estruturação está intimamente vinculada com o momento histórico em que atravessa a

sociedade da qual faz parte, uma vez que os diferentes tipos de estruturas familiares são determinados por um conjunto significativo de variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas e históricas. Sendo assim, observa-se atualmente o surgimento de novas configurações familiares, como as famílias com base em união livre, as famílias monoparentais comandadas por um dos cônjuges, famílias divorciadas gerando novas uniões, famílias recompostas, mulheres com filhos sem companheiro estável, entre outras. (SINGLY, 2000). Elucidando este aspecto histórico da família, cabe ressaltar que nos anos 60 e 70, durante a revolução sexual, o movimento feminista questionou a família nuclear (GOODRICH, RAMPAGE, ELLMAN; HALSTEAD, 1990).

Desse modo, a família, que anteriormente seguia um modelo rígido a partir dessas transformações sociais, políticas e econômicas, passou a ser vista sob outras formas. Entretanto, Féres-Carneiro e Ponciano (2003) apontam outros tipos de família, como a família determinada por valores, entre os quais relações, como: o sentimento de amor, a realização pessoal na convivência com o outro significativo, e, por consequência, a formação da identidade humana por meio da filiação e da transmissão intergeracional. E, ainda, essas autoras observam que, embora o modelo nuclear tenha sido questionado, a família não foi substituída por nenhum outro grupo ou instituição social. Atualmente, observa-se a tendência atual das famílias igualitárias, estruturas familiares onde há igualdade na divisão de tarefas domésticas e maior participação da mulher no mercado de trabalho (PRATTA; SANTOS, 2007).

Finalmente, pode-se compreender a família como uma organização de pessoas com laços consanguíneos ou por afinidade, que compartilham o mesmo local de moradia, ou se sentem afetivamente ligados uns aos outros, não sendo um fenômeno natural e sim uma convenção social que varia através da história, apresentando formas e finalidades diversas, numa mesma época e lugar, de acordo o grupo social.

A convivência familiar prolongada e o mundo do trabalho

Um importante passo em direção à vida adulta parece ser a estabilidade profissional e financeira. Porém, atualmente, observa-se que é maior o período em que os filhos são economicamente dependentes dos pais, e isso pode estar relacionado com o crescente desemprego e com o maior tempo despendido para a educação (CAMARANO; KANSO; PAZINATO; VIANNA, 2003). A realidade econômica tem tornado a saída de casa mais

difícil para os jovens, já que agora eles precisam de mais anos de educação para ter sucesso. Nesse caso, na fase do “lançamento dos filhos ao mundo”, muitos jovens não estão saindo de casa, ou estão voltando para a casa dos pais.

Para os jovens suecos é importante ter uma base econômica antes de deixar a casa dos pais, porque eles pretendem curtir a vida, viajar, divertir-se, estar com amigos antes de casar e ter filhos. E isso implica diretamente ter um emprego fixo e com boa renda (KUGELBERG, 1998). Como esse é um fenômeno global, os jovens de Lisboa também consideram que o suporte econômico dos pais é essencial, pois ainda não conseguem viver sem ele, devido aos trabalhos temporários que são, em grande parte, mal remunerados. Outros fatores que possivelmente são promotores dessa dependência econômica paterna englobam o ciclo de inserção e desinserção do mercado de trabalho, grande promotor de insegurança, e o investimento (temporal e financeiro) na escolarização (ABRANTES; GUERREIRO, 2005).

Atualmente está presente um sentimento de insegurança, na medida em que os jovens veem sua sobrevivência física depender diretamente de um salário (FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES; MAGALHÃES, 2006). Desse modo, Guimarães (2006) e Aasve (2001, apud NASCIMENTO, 2006), ressaltam que a inserção no mercado de trabalho é uma possibilidade para que a passagem da adolescência à vida adulta se concretize. Esses autores afirmam que trabalho e autonomia são fatores essenciais na transição para a vida adulta e observam que, quando a renda dos pais é mais alta que a dos filhos, são maiores as chances de esse sujeito permanecer na casa parental. Já, quando a renda dos filhos é maior, eles tendem a sair de casa.

Todavia, o trabalho, em grande parte das vezes, não representa somente uma forma de remuneração para os jovens. Para a maioria deles, ter uma identidade profissional é parte importante da formação da sua identidade pessoal, pois o jovem, que possui um trabalho valorizado pela sociedade e tem sucesso nele, provavelmente terá sua autoestima aumentada e isso fará com que ele possa ingressar na vida adulta de maneira mais segura e estável (OSIPOW, 1986).

Entretanto, estes apontamentos contrastam com os altos índices de desemprego no Brasil e no mundo. Segundo uma pesquisa realizada pelo IBGE em 2005, na região metropolitana de Porto Alegre, a taxa de desemprego foi de 36,8% para os jovens entre 18 e 24 anos. Isso pode ser resultado do baixo crescimento da atividade econômica brasileira nos últimos anos, e tem como consequência limitar o ritmo da geração de emprego, sendo os jovens os mais atingidos. Há, também, uma alta exigência quanto à qualificação profissional e

à experiência profissional; portanto, a disputa por uma vaga provavelmente será desvantajosa (DIEESE, 2005; CAMARANO et al., 2003).

Como a entrada no mercado de trabalho está cada vez mais complexa, alguns jovens veem, como fator facilitador para nele ingressar, a necessidade de ter um grau mais elevado de escolaridade. (ABRANTES; GUERREIRO, 2005). Portanto, assim como o trabalho abre as portas para a vida adulta, a educação também serve como ponte para essa nova fase. A escola é a principal promotora dessa inserção no mercado de trabalho, devido à reconfiguração de seus objetivos e demandas. Ela atua como propulsora de cidadania já que tem como objetivo a preparação do jovem para esse mercado (CAMARANO et al., 2004).

Entretanto, muitos jovens não conseguem conciliar a escola e o trabalho e é cada vez mais frequente a simultaneidade das atividades, devido à entrada precoce no mercado de trabalho (GUIMARÃES, 2006). Madeira (2006) observa que a realidade no Brasil é dicotômica: de um lado uma pequena parcela da população detém os maiores rendimentos e níveis de escolaridade e apresenta um comportamento bem próximo ao dos países desenvolvidos; por outro lado, uma grande parcela da população faz uma transição antecipada e condensada, devido à gravidez na adolescência e à baixa escolaridade, e, entre os jovens que permanecem na escola, há ainda um alto nível de evasão escolar (CAMARANO et al., 2004).

Assim sendo, Nascimento (2006) aponta que a idade com que os adultos jovens finalizam seus estudos tem se elevado consideravelmente, em função da obtenção de maiores conhecimentos e de especialização para enfrentar a atual competitividade do mercado de trabalho. Assim, frequentar a escola, principalmente em tempo integral, gera maior dependência e faz com que os filhos prolonguem a permanência na casa dos pais.

Dessa forma, entende-se que estes dois fatores - a escola e o trabalho - estão intrinsecamente ligados, pois, para conseguir entrar no mercado de trabalho, o jovem precisa de uma base sólida e de uma boa formação, obtidas na escola e no curso superior. E talvez possamos pensar que alguns dos aspectos que levam os jovens a adiarem a saída da casa dos pais sejam, conseqüentemente, o prolongamento dos estudos, a difícil inserção e a insegurança no mercado de trabalho atual.

A compreensão do fenômeno a partir do marco ecológico de Urie Bronfenbrenner

A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner, que compreende o fenômeno do desenvolvimento humano sob a perspectiva biopsicológica e da bidirecionalidade, poderá

auxiliar na compreensão desta dinâmica tão importante que é a dinâmica familiar, pois esta abordagem privilegia os estudos desenvolvidos de maneira a contextualizar ambientes naturais, que visam compreender os fenômenos de forma abrangente, tal como é vivida e percebida pelo ser humano no contexto em que vive.

As mudanças de papel ou de ambiente acompanham o indivíduo por toda a sua vida. Essas transformações são chamadas de transições ecológicas por Bronfenbrenner (1994; 1998). A perspectiva ecossistêmica entende o ser humano como alguém ativo que interage permanentemente com o meio que, por sua vez, também é dinâmico, num processo contínuo.

As reformulações do modelo ecológico de desenvolvimento humano, realizadas por Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 994), incluem uma nova forma de olhar as propriedades da pessoa em desenvolvimento. Esse novo modelo apresenta o constructo teórico dos processos proximais, entendido como “formas particulares de interação entre organismo e ambiente, que operam ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano”.

No modelo biopsicológico, são apresentados quatro aspectos multidirecionais e inter-relacionados, denominados como modelo Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT). Nele, pessoa refere-se ao fenômeno de constâncias e mudanças na vida do ser humano em desenvolvimento, no decorrer de sua existência. A abordagem reformulada ressalta a importância de se considerar as características do indivíduo em desenvolvimento. Assim sendo, o adulto jovem tem suas particularidades dentro do processo de permanência prolongada na casa dos pais. O processo é constituído pelos papéis e atividades diárias da pessoa em desenvolvimento, e para se desenvolver intelectual, emocional, social e moralmente, deve ter participação ativa em interações progressivamente mais complexas e recíprocas com pessoas, objetos e/ou símbolos no ambiente. São exemplos de interações progressivas e complexas as relações entre pais-filhos, entre filhos-filhos. No contexto, Bronfenbrenner se refere ao meio ambiente global em que o indivíduo está inserido e onde se desenrolam os processos desenvolvimentais. O ambiente ecológico é concebido como uma série de estruturas encaixadas uma dentro da outra, denominadas de microsistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. A estrutura nuclear é o microsistema que é o ambiente imediato em que a pessoa está inserida num dado momento. Bronfenbrenner e Ceci (1994, p. 18) apontam como microsistema “um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente e com

características físicas e materiais específicas”. É no microsistema que acontecem as atividades e relações que o adulto jovem estabelece com a família. Nesse contexto, as pessoas assumem papéis que lhes são atribuídos. O mesossistema abrange as inter-relações entre dois ou mais ambientes em que a pessoa participa ativamente, podendo ser formado ou ampliado cada vez que elas passam a fazer parte de um novo ambiente.

No exossistema, ao contrário do meso, a pessoa participa indiretamente no ambiente e pode ser afetada por eventos que ocorrem em outros ambientes e vice-versa. O exossistema, por sua vez, também influi nos outros sistemas só que de maneira indireta. São ambientes experienciados por pessoas que estão no círculo de relações significativas do sujeito. O desenvolvimento do indivíduo é profundamente afetado pelos eventos que ocorrem em ambientes nos quais ele nem sequer está presente (Bronfenbrenner, 1994; 1998). Um exemplo de exossistema pode ser a família do namorado ou os amigos dos pais. E, por último, está o macrosistema, que engloba todos os demais ambientes e forma uma rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura para outra. O macrosistema é constituído, pois, pelo micro, meso e exossistemas, incluindo os aspectos socioeconômicos e o sistema de crenças e ideologias de uma determinada cultura. Essa perspectiva teórica vai além do desenvolvimento individual e aponta para o papel fundamental exercido pelo ambiente. Nesse caso, o exemplo pode ser as diferentes formas de transição para a vida adulta que se alteram de um lugar a outro, já que se está falando de um fenômeno que não é exclusivo da realidade brasileira.

Por fim o tempo, aspecto que é compreendido no sentido histórico de como ocorrem as mudanças no decorrer dos tempos. Para Bronfenbrenner e Morris (1998), os eventos históricos podem alterar o curso do desenvolvimento humano. Como exemplo, temos o comportamento dos adultos jovens de permanecerem na casa parental, pois qualquer episódio da vida familiar pode ter significativa influência no desenvolvimento da pessoa e da família.

Aspectos facilitadores e dificultadores da permanência do adulto jovem no lar parental

Diante desse fenômeno, que já se observou ser mundial, torna-se imprescindível conhecer quais são as motivações e os obstáculos dos adultos jovens. De acordo com Nascimento (2006, p. 63).

“O estudo dos determinantes que influenciam a saída de casa é sumamente importante para compreender as mudanças ocorridas na formação de uniões, nas relações intergeracionais, nos padrões de fecundidade, na estrutura familiar e no curso da vida familiar”.

Barbarói. Santa Cruz do Sul, n. 33, ago./dez. 2010.

Ressalta-se que, anteriormente, nas famílias, quase inexistentes as questões sobre o prolongamento da convivência entre pais e filhos, como aponta Bach (1983). Ele observou que as gerações sucessivas se assemelhavam tanto que a possibilidade de uma crise entre a geração jovem e a geração adulta não existia. Nesse contexto, era comum que o jovem na passagem de uma fase a outra se encontrasse preparado para assumir a nova identidade social e as responsabilidades que isso ocasionava. Bach (1983, p. 82) ressalta:

“O mundo acolhia o jovem com respeito e dava-lhe segurança, pois tornar-se adulto já não era uma questão moral particular, não era um dever e sim um caso de sobrevivência social e até mesmo material e todo processo de transição de uma faixa para outra era automático”.

Ao longo dos tempos, as transformações no pensamento e nas definições de família geraram mudanças em como essa se compreende e como entende seus membros. E, além das questões que anteriormente foram discutidas como motivadoras ou não para saída da casa dos pais, existem outras circunstâncias que também podem contribuir para a possível ocorrência desse comportamento.

A transgeracionalidade pode ser um fator importante para a ocorrência do fenômeno *ninho cheio*, visto que ela se refere ao fato de as pessoas absorverem os conhecimentos passados pelas figuras significativas do mundo familiar e, através delas, serem influenciadas nas suas decisões. Portanto, compreende-se que isso só será um fator determinante para a reprodução de comportamentos na família se a intensidade dessa absorção for acentuada, o que, no caso do fenômeno estudado, parece não ser muito presente, visto que em algumas famílias eles podem possuir conhecimento de que seus pais saíram cedo de casa e também ouviram histórias de que seus avós também tiveram o mesmo comportamento. Porém, atualmente, os adultos jovens não seguem esse modelo familiar (GROISMAN, 2000).

Desse modo, o comportamento de não realizar o mesmo caminho dos pais, ou seja, rejeitar o padrão familiar, possivelmente possa ser explicado pela busca do modelo oposto, conforme explicitam Breulin, Schwartz e Mac Kune-Karrer (2000).

O sistema familiar, ao longo de seu ciclo vital, enfrenta estressores verticais e horizontais (Carter; McGoldrick, 1995). O eixo vertical diz respeito aos padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos transgeracionalmente. Constituem-se de atitudes, experiências, tabus, rótulos, questões opressivas familiares, entre outros.

Qualquer um desses estressores pode fazer com que a família pareça disfuncional. Sendo assim, os períodos, que tendem a ser mais tumultuados na família, geralmente são

aqueles em que há uma combinação de estressores verticais com os horizontais, ou seja, quando uma crise acidental coincide com algum aspecto familiar de caráter transgeracional.

Outro fator que pode motivar o prolongamento da permanência dos adultos jovens no lar parental pode estar relacionado com o fluxo das ansiedades, tanto no âmbito dos estressores verticais como dos horizontais. Os estressores verticais, segundo Carter e McGoldrick (1995) e Falcke e Wagner (2005), abordam os conceitos sobre padrões, mitos, lealdades, ritos e legados familiares, sendo a lealdade não uma lei manifesta, mas sim um laço invisível que une a família. Os mitos são os sistemas de crenças de cada família e os legados são as informações definidas pela família para serem passadas de uma geração a outra.

Já o eixo horizontal está relacionado às questões desenvolvimentais, tanto aos eventos predizíveis (casamento, nascimento dos filhos, entrada dos filhos na escola), como os imprevisíveis (morte prematura, nascimento de criança deficiente, guerra, acidentes em geral).

Talvez seja pertinente a reflexão sobre a importância dos estressores verticais e horizontais no fenômeno estudado. Assim sendo, a lealdade em algumas famílias pode ser observada através dos sentimentos exacerbados dos filhos adultos jovens para com a família de origem. Dessa forma, os filhos podem permanecer em casa por mais tempo, para que assim possam cumprir com as expectativas de seus pais quanto ao seu futuro. Também pode-se refletir quanto aos mitos e às crenças familiares e a mudanças nesses mitos e crenças que podem estar baseados no comportamento que ocorria anteriormente, quando a saída de casa relacionava-se diretamente com a entrada na vida adulta, como apontam Carter e McGoldrick (1995). Assim sendo, o mito era de que em determinada idade os filhos deviam sair de casa e entrar na vida adulta. Pode-se pensar que a mudança nesse mito vem ocorrendo ao longo dos anos, com a mudança no comportamento dos filhos de prolongarem a permanência no lar parental.

Os estressores horizontais, como a passagem da adolescência para a vida adulta, podem gerar ansiedade na família, visto que, como Carter e McGoldrick (1995, p. 171) apontam, essas transições “são determinadas por e constantemente sujeitas aos estresses na rede familiar”. O prolongamento da convivência familiar pode ser resultado de um processo que inclui os estressores horizontais e verticais e as ansiedades geradas por esses estressores. A ansiedade normal da partida ou não do filho de casa quando convergida com as ansiedades trazidas pela família ao longo dos anos ou agravada por um fator externo, como uma crise

financeira mundial ou apenas centrada na família, poderia resultar na permanência do adulto jovem no lar parental.

Contudo, outra questão a ser observada refere-se à possível dissolução dessas ansiedades geradas pelos estressores horizontais, pela cumplicidade entre pais e filhos, em um clima não gerador de ansiedades, que poderia ser motivacional para permanência dos filhos adultos no lar parental (KUGELBERG, 1998; FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES; JABLONSKI, 2004; NASCIMENTO, 2006).

Nascimento (2006) observa que a atual qualidade de vida, que propicia às pessoas uma maior longevidade, altera também as perspectivas de matrimônio, pois os adultos jovens casam-se e começam a trabalhar mais tarde. Por outro lado, a competitividade do mercado de trabalho marca as dificuldades para acumular experiência para o primeiro emprego, revelando a tendência de uma permanência que retarda a independência e prolonga, cada vez mais, a estadia na casa dos pais. A tendência atual, em diversos países, é de que a parentalidade esteja se tornando um relacionamento “longa-vida”, em que os pais continuam oferecendo apoio emocional e/ou financeiro para os filhos por mais tempo (DEY; MORRIS, 1999).

Henriques (2003), em sua pesquisa com sete famílias do Rio de Janeiro, revela outros fatores que podem estar envolvidos na permanência dos filhos adultos na casa parental, como: o alto grau de investimento na vida profissional; o pouco valor dado à independência individual; a diminuição dos conflitos intergeracionais ou a sua neutralização; a ambivalência dos pais no que concerne à saída dos filhos de casa; as escolhas profissionais cada vez mais difíceis, pelas escassas oportunidades do mercado de trabalho; a permissão para o sexo na casa dos pais; o conforto e o padrão de vida usufruídos na convivência familiar; o isolamento do grupo familiar em relação à sociedade, reproduzido, em menor escala, no isolamento dos próprios membros dentro de casa (alguns quartos de jovens são quase apartamentos completos); o adiamento do casamento; as transformações dos compromissos afetivos entre os pares que não sujeitas a exigências e expectativas; e a dificuldade de separação entre pais e filhos. Conforme Féres-Carneiro, Henriques e Jablonski (2004, p. 13), “o jovem adulto se caracteriza como um adulto em potencial e apesar de possuir recursos de adulto, não os utiliza em todas as suas possibilidades”.

Há ainda outras formas de se tentar compreender esse fenômeno. Outra possibilidade pode ser através do entendimento psicodinâmico no que se refere à transição de uma fase a outra. Aberastury e Knobel (1981) apontam que a inserção na vida adulta se estabelece na

medida em que os pais têm a capacidade de elaborar o luto da infância dos filhos, significando tanto a separação dos pais externos, reais, quanto das figuras parentais internalizadas. A experiência da separação vem a ser um dos aspectos fundamentais para o alcance da maturidade emocional. Essa fase pode gerar ansiedades tanto nos pais quanto nos filhos.

Diante dessa perspectiva, pode-se também tentar compreender o fenômeno pela teoria do apego, visto que essa abordagem evidencia que o cuidado inadequado na primeira infância pode gerar desconfortos e ansiedades nas crianças, com relação ao afastamento dos cuidadores. Consequentemente, o modelo que o adulto tem de si é uma construção de como os seus pais o veem e o que falam dele. Regula o que o adulto sente em relação a seus pais, a ele mesmo e à forma como ele age com esses pais, e ditará como ele enfrentará seus medos e suas expectativas de futuro. Nesse sentido, os pais de filhos adultos jovens não devem seguir exatamente com o mesmo tipo de relação estabelecida quando o filho era criança ou quando estava na adolescência. A família na fase madura deve fazer alguns reajustes para atender às necessidades advindas desse filho que está se lançando para o mundo. Compreende-se que um apego inseguro na infância pode causar no adulto jovem um medo frente a uma nova vida sem a presença constante desses pais, fazendo com que ele prolongue a permanência em casa com eles (BOWLBY, 2002; ABREU, 2005).

Considerações Finais

Após considerar a posição de diversos teóricos, entende-se que o comportamento dos filhos, de permanecerem na casa dos pais, pode não representar um transtorno para a família. Pelo contrário, o adulto jovem frente à realidade externa da família e com os obstáculos para a saída de casa, salientados neste artigo, estaria optando por permanecer na casa dos pais e esse comportamento não só seria aceito, como, em algumas famílias, seria incentivado pelos pais, através de mordomias e regalias que outrora não seriam admitidas.

A questão da saída do adulto jovem da casa dos pais, momento crucial no desenvolvimento individual e familiar, vem sofrendo alterações, uma vez que observamos que atualmente está ocorrendo, em larga escala, o fenômeno inverso, ou seja, a permanência do adulto jovem por mais tempo na casa dos pais. Sendo assim, observa-se hoje uma variação na fase do ninho vazio, em que os pais costumavam ficar sozinhos no lar, para o “ninho cheio”, em que a família permanece toda residindo junto.

O fenômeno do “ninho cheio” parece mais característico da classe média já que esse prolongamento da juventude não ocorreu com tanta frequência nas classes menos favorecidas. Esse distanciamento entre as classes sociais é evidenciado, principalmente no adiamento da maternidade que é mais comum nas mulheres privilegiadas economicamente. Em muitos casos, a idade escolhida por elas para engravidar, coincide com a faixa etária em que mulheres de classe mais baixa se tornam avós.

Percebe-se que o “ninho cheio” é um fenômeno atual de caráter multidimensional em que estão envolvidos fatores pessoais do adulto jovem e, também, da dinâmica familiar em que ele está inserido. Deve-se salientar, ainda, que essas famílias se encontram situadas no tempo e no espaço, ou seja, fazem parte de um determinado contexto socioeconômico o que justifica a necessidade de se levar em consideração os fatores psicossociais no estudo desse tema.

FULL NEST: A NEW STAGE OF FAMILY LIFE CYCLE?

Abstract

This article aims to indicate aspects involved in the young adult's process of remaining at their parents' home, specifically in the relationship with this family of origin. This study was developed through the revision of some authors of the ecological-systemic approach. The question of leaving the parent's home, that is an important moment of familiar and individual development, has been modified because nowadays we observed in large scale the inverse phenomenon, that is the young adult's process of remaining for more time at their parents' home. Today we realize a difference in the empty nest, stage that was the time that parents remained alone at home, for the full nest stage, when the family leaves together.

Keywords: young adult, family life cycle, full nest.

Referências

ABREU, Cristiano Nabuco de. *Teoria do Apego: Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ABRANTES, Pedro; GUERREIRO, Maria das Dores. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 20, n. 58, p. 157–175, jun. 2005.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BACH, Marcus J. *O Futuro da Família: Tendências e Perspectivas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

BOWLBY, John. *Apego e perda: separação – angústia e raiva*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRASIL, *Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2005.

BREULIN, D. C.; SCWARTZ, R. C.; MAC KUNE-KARRER, B. *Metaconceitos: transcendendo os modelos de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, Pamela. A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, William.; LERNER, Richard. M. (Orgs.). *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*. New York: John Wiley, 1998, p. 993-1028.

BRONFENBRENNER, Urie; CECI, Stephen J. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model, *Psychological Review*. American Psychological Association, Washington, v. 101, n. 4, p. 568-586, out. 1994.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO Solange; MELLO, Juliana Leitão e. Transição para a vida adulta: mudanças por período e coorte. In: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). *Transição para vida adulta ou vida adulta em Transição?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2006, p. 95-135.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO Solange; MELLO, Juliana Leitão e; PASINATO, Maria Tereza. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Ultima década*. Santiago, v. 12, n. 21, p. 11-50. dez. 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; PAZINATO Maria Tereza; KANSO Solange; VIANNA Caroline. Transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios? *Mercado de trabalho - Conjuntura e Análise*. Brasília, n. 21, p. 53-66, fev. 2003.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CERVENY, Cenaide Maria Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Meracadante Esper. *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. *DIEESE - Estudos e Pesquisas*. Trabalho: diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano. Universidade Federal de Pernambuco, v.2, n.11, p. 1-321, set. 2005.

DEY, Ian. MORRIS, Sue. Parental support for young adults in Europe. *Children and Youth Service Review*. European Union, v.21, n.11/12, p. 915-935, 1999.

ERIKSON, Erick. *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, Adriana. (Org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005, p. 25-46.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha.; HENRIQUES, Célia Regina; MAGALHÃES, Andréa Seixas. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. *Padéia*. Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p. 327-336, set./dez. 2006.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha, HENRIQUES, Célia Regina; JABLONSKI, B. A “Geração Canguru”: Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Revista PSICO*. Porto Alegre, v. 2, n. 35, p. 195-205, jan. /dez. 2004.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; PONCIANO, Edina Lúcia Tinoco. Modelos de família e intervenção terapêutica. *Interações*. São Paulo, v. 8, n. 16, p. 57-80, jul./dez. 2003.

GOODRICH, Telma Jean; RAMPAGE, Cheryl; ELLMAN, Barbara; HALSTEAD, Kris. *Terapia feminista da família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trajetórias Inseguras, Autonomização Incerta: Os Jovens e o Trabalho em Mercados Sob Intensas Transições Ocupacionais. In: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). *Transição para vida adulta ou vida adulta em Transição?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2006, p. 171-197.

GROISMAN, Moisés. *Família é Deus: descubra como a família define quem você é*. Rio de Janeiro: Eldorado: Núcleo-Pesquisas, 2000.

HENRIQUES, Célia Regina. “Geração Canguru”: o prolongamento da convivência familiar. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Departamento de Psicologia da Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, 2003.

INFANTE-ESPINOLA, Francisca; MADDALENO, Matilde; MORELLO, Paola. Salud y desarrollo de adolescentes y jóvenes en Latinoamérica y El Caribe: desafíos para la próxima década. *Salud Pública Méx*. Cuernavaca, 2003. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342003000700017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 mar. 2009.

KUGELBERG, Clarissa. Imagens culturais dos jovens suecos acerca do início da vida adulta, *Sociologia, Problemas e Práticas*. Lisboa, n. 27, p. 41-58, set. 1998.

MADEIRA, Felícia Reicher. Educação e desigualdade no tempo de juventude. In: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). *Transição para vida adulta ou vida adulta em Transição?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2006, p. 139-169.

NASCIMENTO, Arlindo Mello. *Transição para a Vida Adulta: Situação dos filhos adultos brasileiros no período 1970-2000*. 243f. Dissertação de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Alessandra. Adolescência prolongada: Um olhar sobre a nova geração. *Colloquium Humanarum*. São Paulo, v. 4, n. 1, p. 31-45, jun. 2007.

OLIVEIRA, Janaina. Complexo de canguru: Filho se agarra aos pais até os 40. *Jornal Hoje em Dia*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br/v2/ind.php?sessao=6&ver=1¬icia=5180?>>. Acesso em: 04 maio 2009.

OSIPOW, Samuel H. *Theories of career development*. New York: Applenton Century Crofts, 1986.

OUTEIRAL, José. Do adolescer ao adulatecer. In: MOURA, Luiza, OUTEIRAL, José, SANTOS, Stella dos (Orgs.). *Adulatecer - A dor e o prazer de tornar-se adulto*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008, p. 2-13.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicol. Estud.* Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007.

VEIGA, Aida. Os boas-vidas. *Revista Veja*. São Paulo, ano 31, n. 29, p. 80, jul.1998.

SILVEIRA Paula Grazziotin; WAGNER Adriana. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 23, n. 4, p. 441-453, dez. 2006.

SINGLY, François de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO Chico Ehlers, SINGLY François de, CICCHELLI, Vincenzo (Orgs.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 13-19.

Data de recebimento: 06/06/2010.

Data de aceite: 12/09/2010.

Sobre os autores: Ana Caroline Sari Vieira é Psicóloga graduada pela FACCAT. E-mail: vieira.anacaroline@gmail.com

Paula Grazziotin Silveira Rava é Psicóloga graduada pela PUCRS. Mestre em Psicologia (PUCRS) e doutoranda em Psicologia (UFRGS). Docente dos cursos de Psicologia da FACCAT e do CESUCA – Faculdade Inedi. E-mail: paulagraz@yahoo.com